



J. R. R. Tolkien

Beren e Lúthien

EDIÇÃO DE CHRISTOPHER TOLKIEN
COM ILUSTRAÇÕES DE ALAN LEE

Tradução
Catarina Ferreira de Almeida

Para Baillie

Índice

Prefácio	11
Notas acerca dos Dias Antigos	21
BEREN E LÚTHIEN	29
Apêndice	
Revisões a <i>O Lai de Leithian</i>	259
Lista de gravuras	276
Lista de nomes presentes nos textos originais	277

Prefácio

Depois da publicação de *O Silmarillion*¹, em 1977, dediquei vários anos a investigar a sua história mais antiga e a escrever um livro que intitulei *A História de O Silmarillion*. Mais tarde, este estudo converteu-se na base (de certo modo abreviada) dos primeiros volumes de *A História da Terra Média*².

Em 1981, escrevi extensivamente a Rayner Unwin, o presidente da editora Allen and Unwin, para lhe dar conta do que tinha estado (e ainda estava) a fazer. Transmíti-lhe, nessa altura, que o livro já possuía uma dimensão de 1968 páginas e um formato de uns quarenta e dois centímetros, não estando naturalmente destinado à publicação. «Quando vir este livro», escrevia-lhe, «se alguma vez o vir, compreenderá de imediato por que razão eu lhe dizia que a sua publicação não era de todo concebível. A análise textual e outras considerações são de longe demasiado pormenorizadas e minuciosas; e a sua dimensão, que já é proibitiva, arrisca-se a tornar-se ainda

¹ J. R. R. Tolkien, *O Silmarillion*, Tolkien, Christopher (edição e prefácio), Rodrigues, Fernanda (trad.), Mem Martins: Europa-América, 1984. (*N. da T.*)

² *The History of Middle-earth* (no original) é uma série de doze volumes, compilados e editados por Christopher Tolkien, e publicados, a título póstumo, entre 1983 e 1996, que ainda não foram publicados em Portugal. A fim de tornar a leitura mais cómoda, usaremos aqui o título traduzido. (*N. da T.*)

mais com o passar do tempo. Escrevi-o, em parte, para dar resposta a um desejo pessoal de fazer as coisas bem feitas, e porque queria descobrir de que modo é que toda a criação evoluiu de facto a partir das suas mais remotas origens. [...]

»Se existe um futuro para esta linha de investigação, tenciono certificar-me, tanto quanto possível, de que eventuais estudos a respeito da “história literária” de JRRT não se tornem absurdos por não conseguirem retrair correctamente a sua evolução. O caos e a dificuldade intrínseca inerentes a muitos destes manuscritos (as várias camadas de revisão presentes numa mesma página, as pistas fundamentais encontradas em fragmentos dispersos pelos quatro cantos do arquivo, os textos escritos no verso de obras de que não fazem parte, a desordem e a dispersão dos manuscritos, a quase total ilegitimidade de certas passagens) desafiam toda a hipérbole. [...]

»Em teoria, eu podia produzir muitos livros a partir da *História*, vejo muitas possibilidades e combinações de possibilidades. Podia, por exemplo, apresentar “Beren” relacionando o *Conto Perdido*¹ original, o *Lai de Leithian*² e um ensaio acerca do desenvolvimento da lenda. A minha preferência, caso a ideia viesse a concretizar-se, seria talvez a de tratar uma única lenda enquanto entidade evolutiva, em vez de apresentar de uma só vez todos os Contos Perdidos³.

¹ *Contos Perdidos* é o nome dado às versões originais das lendas que compõem *O Silmarillion*. (N. do A.)

² *The Lay of Leithian* (no original) é um poema narrativo inacabado dedicado à história de Beren e Lúthien. Foi publicado em 1985, no livro *The Lays of Beleriand* (*Os Lais de Beleriand*), correspondente ao terceiro volume de *A História da Terra Média*. A fim de tornar a leitura mais cómoda, usaremos aqui o título traduzido. (N. da T.)

³ Em 1983, seria publicado o primeiro dos dois volumes de *The Book of Lost Tales* (*O Livro dos Contos Perdidos*), correspondentes aos dois primeiros tomos de *A História da Terra Média*. *O Livro dos Contos Perdidos* é uma antologia póstuma das primeiras histórias escritas por J. R. R. Tolkien, que serviram de base aos mitos ficcionais complexos que constituem *O Silmarillion*. Nestes dois volumes, Christopher Tolkien apresenta e analisa os manuscritos dessas histórias. Também neste caso, usaremos o título traduzido. (N. da T.)

Neste caso, porém, os desafios de uma exposição pormenorizada seriam grandes, dada a necessidade constante de explicar o que se passa noutros pontos da obra, noutros textos que ainda não foram publicados.»

Neste sentido, transmiti-lhe que gostaria de publicar um livro intitulado *Beren*, seguindo o modelo sugerido, embora se levantasse «o problema [...] da sua organização, o de tornar o assunto compreensível sem que o comentário editorial invadisse o texto».

Quando escrevi estas linhas, acreditava, de facto, no que estava a dizer: não concebia que a publicação deste trabalho fosse possível, a não ser seleccionando uma só lenda e abordando-a como «entidade evolutiva». Foi precisamente o que fiz aqui – embora não tivesse em mente o que escrevera trinta e cinco anos antes, na minha carta a Rayner Unwin: tinha-a esquecido por completo, até me vir parar às mãos por mero acaso, já muito perto da conclusão do presente livro.

Existe, no entanto, uma diferença substancial entre este livro e a minha ideia original: trata-se de uma diferença de contexto. Desde então, uma grande parte do imenso espólio de manuscritos relativos à Primeira Era, ou Dias Antigos, já foi publicada em edições exaustivas e meticulosas: sobretudo nos vários volumes de *A História da Terra Média*. A ideia que me atrevi a sugerir a Rayner Unwin, a de um livro dedicado à evolução da história de «Beren», traria à luz muitos textos que, na altura, ainda eram desconhecidos e inacessíveis. Pelo contrário, o presente livro não oferece uma única página de conteúdo original ou que não fosse já publicado. Podemos, então, perguntar que utilidade terá, hoje em dia, um livro como este.

Tentarei fornecer uma resposta (inevitavelmente complexa), ou várias. Em primeiro lugar, um aspecto importante das edições precedentes consistia na apresentação dos textos de forma a reflectir

o modo de composição, à partida muito peculiar, do meu pai (e que, na verdade, lhe era muitas vezes imposto por pressões externas), assim revelando as etapas sucessivas de desenvolvimento de uma narrativa e justificando a minha interpretação dos materiais.

Por outro lado, nesses livros, a Primeira Era, no contexto de *A História da Terra Média*, era concebida como uma *história*, e isto em dois sentidos. Tratava-se, de facto, de uma história no sentido mais corrente do termo – uma crónica das vidas e acontecimentos que tinham tido lugar na Terra Média; mas também era uma história da evolução dos conceitos literários com o passar do tempo: nesta perspectiva, o conto de Beren e Lúthien encontra-se disperso por muitos anos e vários livros. Em acréscimo, como essa história veio enredar-se no lento processo de evolução do «*Silmarillion*»¹, acabando por tornar-se uma parte essencial deste, as alterações que sofreu ficaram registadas em sucessivos manuscritos dedicados, sobretudo, à história dos Dias Antigos no sentido mais lato.

Seguir a história de Beren e Lúthien, como um relato isolado e de contornos bem definidos, em *A História da Terra Média* não é, por isso, uma tarefa fácil.

Numa carta de 1951, muitas vezes citada, o meu pai destacou-a como «a história principal do *Silmarillion*», dizendo de Beren que ele é «o mortal proscrito que consegue vencer (com a ajuda de Lúthien, uma simples donzela, apesar de pertencer à nobreza élfica) naquilo que todos os exércitos e guerreiros fracassaram: penetra na fortaleza do Inimigo e arranca uma das *Silmarilli* da Coroa de Ferro. É assim que conquista a mão de Lúthien e que o primeiro casamento de um mortal com uma imortal é consumado.

¹ Aqui, por «*Silmarillion*» Christopher Tolkien entende o corpo mitológico de lendas, distinto de *O Silmarillion*, a obra publicada pela primeira vez em 1977 e que consiste numa recolha dessas lendas. (*N. da T.*)

»Neste sentido, a história é, na minha opinião, um (belo e poderoso) romance heróico e feérico, podendo ser apreciada de forma isolada apenas com um conhecimento muito vago e genérico do contexto. Mas também é um elo fundamental do ciclo, perdendo-se uma parte do seu significado quando o subtraímos ao lugar que aí ocupa.»

Em segundo lugar, o meu objectivo com o presente livro é duplo. Por um lado, procurei isolar a história de Beren e Tinúviel (Lúthien) e apresentá-la como um relato independente, na medida em que isso fosse possível (a meu ver) sem que houvesse uma distorção. Por outro lado, quis mostrar de que forma é que esta história fundamental evoluiu ao longo dos anos. No meu prefácio ao primeiro volume de *O Livro dos Contos Perdidos*, observei, a respeito das alterações que as histórias sofreram:

Na história de *A História da Terra Média*, o desenvolvimento raras vezes se operou por via da simples rejeição – foi, na maioria dos casos, um processo de subtil transformação por etapas, de tal forma que o crescimento destas lendas (o modo como a história de Nargothrond, por exemplo, se cruza com a de Beren e Lúthien, uma ligação que não fora sequer sugerida nos *Contos Perdidos*, ainda que os dois elementos já se encontrassem presentes) chega mesmo a reflectir o processo mediante o qual as lendas se expandem na consciência dos povos, como o produto de muitas mentes e gerações.

É uma característica fundamental deste livro que as transformações sofridas pela lenda de Beren e Lúthien sejam apresentadas nas palavras do meu pai, uma vez que o método que empreguei é o da recolha

de excertos retirados de manuscritos muito mais longos, compostos em prosa ou em verso ao longo de muitos anos.

Este método permitiu-me iluminar passagens de uma rara vividez descritiva ou intensidade dramática, que se perderam no estilo condensado e abreviado tantas vezes característico da escrita de *O Silmarillion*. Serão mesmo descobertos elementos da história que desapareceram em versões ulteriores. Por exemplo, o interrogatório de Beren, Felagund e dos seus companheiros disfarçados de *Orcs* por Thû, o *Necromante* (a primeira aparição de Sauron), ou a entrada em cena do pavoroso *Tevildo*, Príncipe dos Gatos, cuja vida literária, ainda que breve, merece ser recordada.

Por fim, citarei mais um dos meus prefácios, aquele em que apresento *Os Filhos de Húrin*¹ (2007):

É inegável que existem muitos leitores de *O Senhor dos Anéis*² para quem as lendas dos Dias Antigos permanecem desconhecidas, a não ser pela reputação de serem estranhas e herméticas no estilo e no género.

Também é inegável que a apresentação dos textos nos volumes de *A História da Terra Média* pode ter um efeito dissuasor. Trata-se da dificuldade inerente ao modo de composição do meu pai, que fez com que um dos principais objectivos da *História* fosse o de tentar deslindá-lo, dando às histórias dos Dias Antigos a aparência de uma criação de incessante mutabilidade.

¹ J. R. R. Tolkien, *Os Filhos de Húrin*, Tolkien, Christopher (edição e prefácio), Rodrigues, Fernanda (trad.), Mem Martins: Europa-América, 2007. (*N. da T.*)

² J. R. R. Tolkien, *O Senhor dos Anéis*, Rodrigues, Fernanda (trad.), Mem Martins: Europa-América, 1981. (*N. da T.*)

Creio que o meu pai poderia ter dito, com o propósito de explicar a rejeição de algum elemento num conto: «com o tempo, apercebi-me de que não era assim»; ou, «cheguei à conclusão de que não era o nome adequado». A mutabilidade não deve, porém, ser exagerada: existem, apesar de tudo, grandes permanências, essenciais à narrativa. Contudo, ao compor este livro, eu esperava que ele pudesse mostrar que a criação de uma lenda antiga da Terra Média, que foi evoluindo e crescendo ao longo de muitos anos, reflecte a procura do autor de uma apresentação do mito cada vez mais fiel às suas intenções.

Na minha carta de 1981 a Rayner Unwin, eu observava que, na eventualidade de me restringir a uma única lenda recolhida do conjunto que constitui os *Contos Perdidos*, «os desafios de uma exposição pormenorizada seriam grandes, dada a necessidade constante de explicar o que é descrito noutros pontos da obra, em textos ainda inéditos». Esta previsão revelou-se especialmente certa no caso de *Beren e Lúthien*. Urgia encontrar uma solução, porque Beren e Lúthien não viveram, amaram e morreram, com os seus amigos e inimigos, num cenário vazio, sozinhos e sem passado. Foi por isso que tornei a aplicar a mesma solução encontrada para *Os Filhos de Húrin*. No meu prefácio a esse livro, escrevi:

As palavras do meu pai mostram de forma inequívoca que, se conseguisse produzir narrativas acabadas e definitivas na escala que ambicionava, ele destacaria três «Grandes Contos» dos Dias Antigos («Beren e Lúthien», «Os Filhos de Húrin» e «A Queda de Gondolin») como obras autónomas o suficiente para não exigirem um conhecimento aprofundado do grande corpo de lendas conhecido como *O Silmarillion*. Por outro lado [...], o conto dos Filhos de Húrin está

integrado na história dos Elfos e dos Homens nos Dias Antigos e inclui claro inúmeras referências a acontecimentos e circunstâncias descritas nessa narrativa mais vasta.

Nessa ocasião, forneci «um brevíssimo esboço de Beleriand e dos seus povos cerca do fim dos Dias Antigos», ao qual acrescentei «uma lista de todos os nomes que figuram nos textos com indicações muito sucintas a respeito de cada um». Recupero aqui essa breve apresentação feita em *Os Filhos de Húrin*, adaptando-a e resumindo-a em função das necessidades do presente livro, e forneço igualmente uma lista de todos os nomes que figuram nos textos, agora acompanhados de notas explicativas de natureza muito diversa. Este material auxiliar não é, em qualquer dos casos, essencial, mas pretende ser uma ajuda à leitura sempre que a necessidade se fizer sentir.

Uma outra dificuldade que me cabe mencionar decorreu da muito frequente alteração de nomes. Seguir com rigor e consistência a sucessão de nomes em textos datados de diferentes épocas não serviria o objectivo deste livro. Não observei, por isso, qualquer regra a este respeito, limitando-me a distinguir em alguns casos os nomes antigos dos novos, mas não em todos, e por várias razões. Muitas vezes, o meu pai alterava um nome num manuscrito numa altura posterior, ou muito posterior, à da sua escrita, mas não de uma forma consistente: por exemplo, *Elfin* [élfico] para *Elven*. Nestes casos, tornei *Elven* a única forma, ou empreguei *Beleriand* em vez da anterior *Broseliand*. Noutros, porém, conservei as duas formas, como em *Tinwelint/Thingol* e *Artanor/Doriath*.

O objectivo do presente livro é, neste sentido, muito distinto daquele que preside aos volumes que compõem *A História da Terra Média*, da qual é derivado. E não pretende ser, de modo algum,

um complemento a esses livros. Trata-se, sim, de uma tentativa de isolar um elemento narrativo extraído de uma imensa obra, de extraordinária riqueza e complexidade. Mas este relato, a história de Beren e Lúthien, também não cessou de evoluir, desenvolvendo novas associações à medida que a lenda se ia consolidando na intriga mais vasta. A escolha do que incluir e do que excluir desse antigo mundo «mais vasto» não poderia deixar de ser uma decisão pessoal, muitas vezes questionável: um exercício para o qual não existe uma «solução correcta». Não obstante, de um modo geral, dei preferência a uma maior clareza, resistindo ao impulso explicativo, por receio de minar o princípio que preside a este livro e de sabotar o seu método.

No meu nonagésimo terceiro ano de vida, este será (decerto) o meu último trabalho de uma longa série de edições de textos escritos pelo meu pai, a maior parte deles inéditos até então, e trata-se de um estudo de natureza assaz curiosa. Este conto foi escolhido *in memoriam* não só porque se encontra profundamente enraizado na vida pessoal do meu pai, mas também porque ele ponderou repetidas vezes a união de Lúthien, a quem chamava «a mais imponente dos Eldar», com Beren, o homem mortal, os seus destinos e as suas segundas vidas.

É um conto que me acompanha desde os meus primeiros anos de existência, uma vez que corresponde à recordação mais antiga que possuo de um elemento concreto de uma história que me estava a ser contada – por oposição à simples reminiscência do lugar ou das circunstâncias da sua narração. O meu pai contou-ma, na totalidade ou em parte, antes de tê-la escrito, no princípio da década de 1930.

O elemento da história de que eu me recordo, porque o imaginei, são os olhos dos lobos quando aparecem, um de cada vez, nas trevas das masmorras de Thû.



No ano após a morte da minha mãe, que também foi o ano que antecedeu a sua morte, o meu pai escreveu-me uma carta sobre ela em que me falava do esmagador sentimento de perda que o invadia e do seu desejo de que o nome *Lúthien* fosse inscrito, por debaixo do nome da minha mãe, na sua lápide. Regressaria nessa carta, assim como na citada na p. 31 deste livro, à origem do conto de Beren e Lúthien numa pequena clareira repleta de flores de cicuta, perto de Roos, em Yorkshire, onde a minha mãe terá dançado. Dizia-me ele: «Mas a história seguiu um mau rumo, e eu fiquei para trás e não sou *eu* quem pode implorar diante do inexorável Mandos.»

